Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3921unse

no XXXIX - Brasil - E. S. Paulo - Matão, 15 de março de 1963 - N.

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Os Testemunhos da Sobrevivência . . . *Redação*
Uma Sensibilidade Especial . . . *Carlos Imbassahy*
Richet e Kardec . . . . . *Deolindo Amorim*
Omissão Deplorável . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Causas De Ordem Espiritual Responsáveis Por Lesões Orgânicas . . *V. O. Casella*
Os Princípios Racionais do Kardecismo . . . . . *André Moreil*
Não Temos Condições Científicas Para Exame de Casos Paranormais *Prof. J. Herculano Pires*
Serões Bíblicos — X . . . . . *Luiz Caramaschi*
Estudando Kardec . . . . . *Paulo Jacinto*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço : Cr.$ 500,00

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço : Cr.$ 100,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Broehado Preço: cr.$ 100,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço: Cr.$ 40,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

pelo Reembolso Postal

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.$ 120,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr. $ 450,00 ; Brochura cr.$ 180,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1963 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Os Testemunhos da Sobrevivência

Os únicos testemunhos que podem ser dados do indivíduo são aqueles que caracterizam-no — física, intelectual e moralmente.

Todo o exame e pesquisas analíticas se acham subordinados a estas condições para o perfeito reconhecimento dos sêres com quem privamos: configuração física, capacidade intelectual, valor moral.

Ora, na soma dos fatos em todo o mundo ao que concerne à fenomenologia espírita, observadas como têm sido estas condições, no estado crítico das entidades psíquicas que se vêm manifestando, não se pode deixar de optar pela sobrevivência do homem ao transe que chamamos morte.

Não só os livros e revistas que tratam de tão interessante assunto, como também as obras de antigos agiólogos dispersas em todo o mundo, comprovam a realidade desta verdade, talvez a melhor caracterizada de tôdas as que são aceitas por todos.

Levando em conta a lata e complexa modalidade mediúnica que se tem patenteado aos olhos dos observadores em tôdas as classes sociais, desde a mais rudimentar fôrça que se presta a acionar uma «mesinha», até a aproveitada para as mais inteligentes manifestações, não há quem com boa lógica possa concluir que todos êsses efeitos tenham um caracter meramente casual e não sejam oriundos de entidades cujo poder, vontade e liberdade estão adstritos a leis naturais, embora desconhecidas ainda dos espíritos dotados de maior penetração.

As provas do valor pujante das comunicações espíritas não se encontram sòmente nas materializações, moldagens, fotografias, que constitue a parte física do fenômeno. Muitas outras capazes de resistir às mais sérias objeções têm sido constatadas em apoio da teoria espírita, que explica clara e lógicamente o porque da vida, a razão da morte e desdobra às nossas vistas os esplendores da Imortalidade, sôbre a qual se assenta êsse magnífico edifício da Religião e da Ciência.

Há, por exemplo, um romance de Charles Dickens, intitulado *Edwin Drood*, começado pelo autor, mas que só foi terminado depois de sua morte por um médium ainda novato, sem ilustração e sem a menor educação literária.

Êsse médium chamou-se James, era um operário mecânico, incapaz de produzir três linhas.

James não conhecia o princípio da obra de Dickens quanto mais o ponto de inserção para juntar a comunicação ulterior. Além disso escrevia em estado de completa inconsciência, de que, por vêzes, era preciso tirá-lo ao fim do exercício mediúnico.

Em 1873 a imprensa dos Estados Unidos relatou e comentou largamente êsse fato, apurando, por meio de testemunhas oculares, a verdade que sindicava.

A parte escrita por James é de 400 páginas. A caligrafia do médium tem semelhança completa com a de Dickens. A realização do pensamento, a coesão literária e a dedução da trama em todo o trabalho mediúnico prenderam tanto a atenção dos investigadores, que o correspondente do *Daily Onion* (Springfield), não relutou declarar, em sua crítica, que as personagens mantinham perfil exato, bem como a linha inconfundível do caráter que Dickens lhes déra.

Enfim, a parte mediúnica é uma integração homogênea da concepção do autor: a ortografia era mantida, as particularidades, a técnica e até os conhecimentos topográficos de Londres, que o médium não tinha.

O trabalho era perfeito e completo, não se podendo negar que fôsse de Dickens.

Falando dêsse trabalho o sr. Harrison, diz que o gênio e o sentido artístico que ele revela, não poderiam se conciliar com a explicação da fraude.

Inúmeros exemplos desta natureza se acham registado nos Anaes do Espiritismo.

E para citar mais um caso, lembramos as condições em que foi escrita a obra *Arcanos da Natureza,* cujo primeiro volume foi publicado na Alemanha (Erlangen) pelo Dr. Acker com o título *História e leis da Criação.* Foi tal o valor intrínseco que o célebre materialista Bücker encontrou em dito livro, que se valeu dêle várias vêzes, chegando até a fazer, em seus escritos, citações textuais. E qual não foi a decepção de Bücker, quando, em sua viagem á América do Norte teve uma entrevista com Tuttle, contra tôda a espectativa lhe aparece o «autor» dos *Arcanos* na sua rude ignorância!

Como poderia Hudson Tuttle, simples camponez, sem a menor instrução e educação científica, na idade de 18 anos produzir uma obra de tal valor! E' muito sabido que, como James, Hudson escreveu o «seu» livro em completa inconsciência.

Gabriel Delanne, referindo-se as experiências de Dusart e Broquet narra o fato de uma criança de três anos e meio de idade, chamada Celina, que escrevia automaticamente e produzia comunicações claras e definidas na forma e na intenção. Broquet diz que a criança tomava o lapis transformando a fisionomia, seguindo-se os movimentos rápidos e nervosos, até que dominada a crise, o lapis corria destramente sôbre o papel sem se levantar, d'um traço só ligado, mas formando tôdas as palavras e intervalos, saía a comunicação inteira.

Em nenhum destes casos, hipótese explicativa alguma pode prevalecer; nem a do automatismo anímico, nem a da subconsciência; a única que preenche as condições exigidas é a espírita, que explica os factos na sua simples e real expressão.

A sobrevivência se patenteia atualmente aos olhos de todos os que querem ver.

As diferentes formas de mediunidade explicam os diversos meios de comunicação que vêm demonstrar a imortalidade do espírito, que se afirma com todos os característicos que o distinguia na vida corpórea: físico, moral e intelectual.

Estudando-se atenciosamente a expressão fenomenal, não será difícil distinguir o frisante destaque das entidades produtoras de tais fenômenos, que não se podem confinar no âmbito estreito das interpretações materiais.

EVOLUÇÃO E FELICIDADE

O homem nesta única existência nem pode fazer méritos para se elevar até a sociedade de Deus; nem pode descer até desaparecer no nada. *A doutrina que lhe dá a imortalidade e a perfectibilidade até a perfeição e grandeza de anjo, desenvolvendo-o e apurando em múltiplas vidas progressivas, fala à razão, fala à consciencia, engrandece o Criador, e, conseguintemente, tem o infalível critério da verdade. — BEZERRA DE MENEZES.*

Uma sensibilidade especial

Carlos Imbassahy

O meu confrade Valmir admirava-se da facilidade com que sábios e ínscios arquitetavam explicações para os fenômenos psíquicos e metapsíquicos, sem a menor base, e comumente sem a menor lógica.

A admiração do Valmir é que me admira. A vitória da Psicanálise está naquela facilidade. Êles estenderam-na ao Espiritismo. Uma questão de amplitude. Vejamos um exemplo. Um escritor narra o seguinte:

«Uma noite tive um sonho excepcionalmente vivo e penoso: encontrava-me no cume de uma colina. O terreno era de curiosa composição branca. Aqui e ali pequenas fendas de onde saiam jatos de vapor. No sonho reconhecia êsse lugar como sendo uma ilha e que estava em iminente perigo de erupção vulcânica. E quando vi os vapores irromperem, exclamei — É bem a ilha. Tudo isto vai saltar!...

«Fui tomado do desejo irresistível de salvar os quatro mil habitantes desprevenidos. (Eu lhes sabia o número). Seguiu-se um pesadêlo dos mais angustiosos: eu me achava numa ilha visinha, procurando convencer as incrédulas autoridades francêsas de que deviam preparar embarcações para libertar os habitantes da ilha ameaçada. Ia de um funcionário a outro e acordei no momento em que me lançava à frente dos cavalos da equipagem de um maire, que ia a um jantar e me aconselhava a que voltasse no dia seguinte.

«Durante o sonho o número de pessoas em perigo obsidiava o meu espírito; eu o dizia a todos que encontrava, e no instante em que acordei ainda exclamei para o Maire:—Quatro mil pessoas vão morrer, se não...

«Não me lembro exatamente quando recebemos novo maço de jornais, mas quando êle chegou, achava-se incluso o Daily Telegraph, e a primeira coisa que me caiu sob os olhos foi a seguinte notícia:

«*Um desastre vulcânico na Martinica. Uma ilha destruida. Uma avalanche de chamas. Perda provável de mais de quarenta mil vidas. Um navio inglês incendiado*».

Essa era a epígrafe. Seguia-se o noticiário:

«*Um dos mais terríveis desastres relatados nos anais do Mundo destruiu a próspera cidade de S. Pedro, capital comercial da ilha francêsa da Martinica, nas Índias Ocidentais. Às oito horas, na quinta feira, o vulcão Mont Pelée, que havia um século não se mostrava em atividade...*» *Etc.*

Não é necessário rememorar a espantosa história do terrível cataclismo dos tempos modernos.

Mas, ao que eu queria chegar é a explicação. Ela não faltou. Li-a algures. Ao arguto olhar interno de um psicólogo o caso tornou-se de uma simplicidade evidente, que só não a percebiam ou percebem os que têm a cabeça cheia de Espíritos, Espiritismo ou coisas sobrenaturais. Vejam lá a clareza:

— O escritor era dotado de uma sensibilidade especial e por isto pode perceber que fendas submarinas faziam a agua do mar infiltrar-se, pressentiu o desastre, as lavas procurando uma abertura na superfície, a fumaça, o estrondo; a saída era o Mont Pelée, na Ilha...

Êle apanhou tudo aquilo como um sismógrafo. E, dada a sua sensibilidade, antecedeu-se ao vulcão. Claríssimo!

Faltou explicar a indiferença das autoridades francêsas. Mas, não me custa nada entrar com a minha colaboração: é que o escritor era viajado e andou por uns tantos países que nós conhecemos. Custa a crer que uma coisa destas, a entrar pelos olhos, seja motivo de perplexidades.

O aludido escritor deveria ter uma sensibilidade catastrófica, porque de outra feita assistiu em sonho a um incêndio numa usina: viu como o fogo irrompeu, os desastres que ocasionou, as vítimas que fêz, a extensão que tomou... Pois foi precisamente o que se deu numa usina de borracha em Paris. De onde se poderia verificar que a tal sensibilidade do «profeta» se estendia

das fendas sub-oceânicas da Martinica à borracha manipulada e fabricada em Paris.

Isto me faz recordar a explicação dada no fenômeno Arigó e em fenômenos metapsíquicos por dois médicos, que além da Medicina são profundos em Psicologia e Psiquiatria, os Drs. Melo e Morey que, em artigos sucessivos, e em vários jornais do país, arrasaram, do mesmo passo, a cirurgia do Arigó e a fenomenologia dos Espíritos.

Andavam os espíritas nessa doce ilusão que a fortuna não deixa durar muito, como no episódio de Inês de Castro, a ilusão de que tais ou quais fenômenos são produzidos por Espíritos. Mas os doutos esculápios lança-lhes em cima a dupla lanterna da Psiquiatria e da Psicologia, sem já falar no holofote da Medicina, e apontam à causa dos fatos que parecem extraordinários, isto é, daquilo que vem atrapalhando a Ciência, embaraçando os doutos e embasbacando os espirítas: é que se trata de «percepção extrasensorial», e os indivíduos são apenas sujeitos capazes dessa percepção; são sêres que podem movimentar objetos à distância, saber o ignorado, prever o futuro, personalizar o morto e vestir-lhe a pele... Como se vê, nada de espantoso: pura questão de capacidade: são indivíduos «capazes.» Destarte, como o que pressentia os desastres telúricos, porque tinha uma sensibilidade especial, assim os supostos médiuns ou pacientes têm a capacidade especial de fazer o que se poderia chamar prodígio, nêles incluidos fenômenos e milagres, tudo porém reduzido a uma simples e banal capacidade.

«Êles são capazes» — dizem Melo e Morey. E por tôda a nação se difundiu êsse grande conhecimento. Pode ser que continuemos um país de analfabetos, mas é preciso que se saiba, e êsse consôlo nos alenta: — Não há médiuns, há apenas pessoas capazes. E' pena que o caso Arigó absorvesse quase tôda a literatura dos Drs. Melo e Morey, visto que perdemos a oportunidade de vê-los discorrer, em longa escala, sôbre os fenômenos metapsíquicos, cuja amostra nos deu em reduzido período. Como quer que seja, numa frase ficou elucidada tôda a matéria que até então vem enchendo bibliotecas e cabeças, aquelas de livros e estas de enigmas. Pois nem mais enigmas ou livros. Mágicos e médiuns não passam de personagens com percepções, e portanto com a capacidade, necessariamente anormal, de ver, ouvir, sentir, advinhar, plasmar o que não é visível, audível, sensível, previsível e plasmável.

Já não há razão para que alguém se admire com o fenômeno ou com o milagre. Se Josué voltar a fazer parar o sol e a lua, se a besta de Balaão continuar falando, se Jonas espirrar, de novo, de dentro de uma baleia, onde viveu confortavelmente durante três longos dias e três longas noites, estamos a ver que nada há de maravilhoso: Josué tinha o predicado de fazer parar os astros, a besta de dar à taramela, e Jonas e de alojar-se em qualquer ventre. Capacidade, ora o espanto!

Os dois ilustres escritores-médicos são católicos apostólicos romanos, e parece-nos que tiveram a missão apostólica de deslustrar os fenômenos espíritas em geral e os do Arigó em particular. Mas, para um católico, milagre é milagre mesmo. De maneira que não sabemos como vão êles encarar os milagres bíblicos, uns já expostos e outros que vou expôr.

Temos os de Moisés diante do faraó: É uma vara que se transforma em cobra e a cobra que se transforma em vara. Depois a vara começa a operar e disse o Senhor — «Estende a tua mão com tua vara sôbre as águas do Egito, sôbre suas correntes, sôbre os seus rios e sôbre os seus tanques e sôbre todo o ajuntamento de suas águas para que se tornem em sangue; e haja sangue em tôda a terra do Egito, assim nos vasos de madeira como nos de pedra...»

E assim se fêz e foi uma sangueira terrível. E depois vieram as rãs e os piolhos, sempre com o poder da vara. E os magos a fazerem o mesmo. E vieram as moscas...

Aí está um milagre que não temos que invejar, pois que ainda possuimos os mosquitos por acréscimo, e em tal quantidade que deixariam envergonhada a vara do Patriarca.

Mas voltemos aos prodígios: vieram mais a peste, a saraiva, os gafanhotos, as trevas... Tudo por obra da vara, e por picuinha ao testa coroada. E assim como Deus endureceu o coração

do faraó, por não perder o hábito andou escurecendo alguns corações aqui pelo Estado do Rio, porque várias pragas não acabaram mais. Chega-se a ter inveja do Egito!

Os milagres bíblicos continuaram: e vemos o maná caído do Céu, a passagem do Mar Vermelho, a queda dos muros de Jericó, as façanhas de Elias. E Daniel que saiu ileso de um forno e das fauces de um leão. E diante da explicação apresentada pelos jornalistas médicos não terei dúvida em crer que o profeta era tão só um indivíduo capaz de resistir aos fornos e aos dentes das feras.

* * *

E já que falei em vara, cumpre notar que há um fenômeno chamado de rabdomancia; os mais letrados chamam-lhe detetor psíquico, e o vulgo, onde me inscrevo, de vara mágica. Os portadores da célebre varinha, pelo modo por que a mesma se inclina, descobrem jazidas minerais, fontes de água, tesouros, ossadas...

Houve tempos em França em que os indivíduos viviam do produto da varinha. Parece que o dom se espalhara. Creio que o caso é fora de dúvida. Nos tempos modernos, na 1.ª guerra, os inglêses ocuparam Galípoli, porém não encontraram água suficiente. E estavam em sérias dificuldades, quando foram buscar um rabdomante, de nome Kelly, que desvendou com a vara um poço subterrâneo e salvou os britânicos de morreram à sêde.

Começaram a procurar as causas e surgiram as teorias: emanações dos objetos procurados, eflúvios, influências da terra, influências magnéticas... Mas, como há sempre uma pena para atrapalhar, viu-se que o pêndulo mágico podia localizar no mapa os objetos procurados. E descobrir no mapa a influência das jazidas já se tornava mais difícil.

E o valor da vara já vem de longe. Daí se originou trazerem os sacerdotes uma vara simbólica, a qual na hierarquia cristã tomou o nome de báculo e se estendeu ainda a altos militares e aos reis; o bastão significava poder e mando.

Houve quem precedesse os médicos, tratando-se da vara ou pêndulo mágico, numa explicação parecida; o fenômeno era devido a um **quid psíquico**. Por pouco, os Autores de **Milagre ou falsa — Caso Arigó** perdiam o mérito da prioridade.

Em **The Gate of Remembrance** relata-nos o escritor Bond que, em 1908, monges falecidos revelavam onde se achava uma capela que os vivos em vão procuravam. Segundo Bond e várias testemunhas a descoberta não se faria se não fôra a intervenção dos mortos, neste caso os monges.

Mas por que apelar para defuntos? Pois não estão aí os doutores Melo e Morey para o esclarecimento do caso? Pois a faculdade não está aí patente, a de que os descobridores tinham a percepção extrasensorial, que eram indivíduos capazes de descobrir capelas?...

Um desentendido irá supôr que a explicação é apenas a apresentação do fenômeno e dirá com Haeckel, em **Les Merveilles de la Vie** — Nenhuma ciência consiste na descrição pura e simples dos fatos observados.

Pois para os médicos essa ciência não consiste na descrição pura e simples dos fatos, senão que a dá ainda como a explicação e justificação dos mesmos.

Dir-se-ia que a Ciência tomou o rumo e o desnorteamento do que vai pelo mundo afora.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação dêsses princípios. Daí, três classes, ou antes três gráus de adeptos: 1.º os que creem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para êsses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2.º os que lhe percebem as conseqüências morais; 3.º os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral.

— **Allan Kardec**

Richet e Kardec

Deolindo Amorim

A obra de Charles Richet, tanto nos domínios da *metapsíquica*, que foi uma de suas trincheiras científicas, quanto na literatura espírita, apesar de suas restrições ou reservas, continua sendo, até hoje, uma das mais autorizadas fontes de consulta. Isto, aliás, é público e notório, como se costuma dizer. Os livros de Richet andam por aí, citados com muita freqüência, o que prova, pelo menos, que são conhecidos de um público não pequeno. Como todo homem notável pelo saber, o grande fisiologista francês não pôde fugir a uma regra inevitável na condição humana: o equívoco. E haverá, ou já teria havido, nêste mundo, algum homem ilustre sem uma contradição, sem determinados *altos e baixos* ou sem um momento de obscuridade em suas idéias?... A lanterna de Diógenes teria que ficar acêsa para sempre, à procura dêsse homem, que nunca seria encontrado, como nunca se descobriu «o homem mais feliz do mundo», segundo a fábula do rei e da camisa.

Seja como fôr, a despeito de tudo isto, que é simplesmente uma contingência da vida terrena, a obra de Richet se impõe pela sua solidez científica. Não compreendo, porém, o juizo de Richet sôbre Allan Kardec. É um juizo negativo e positivo ao mesmo tempo. Veja-se, por isso mesmo, o que está escrito no *Tratado de Metapsíquica*, livro clássico de Richet: *É necessário admirar sem reserva a energia intelectual de Allan Kardec. Não obstante a sua credulidade exagerada, tem fé na experimentação. É sempre na experimentação que se apóia, de maneira que a sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênia, mas também um imponente repositório de fatos.* Muito bem! Eis, aí, no mesmo trecho, duas assertivas incompatíveis: em primeiro lugar, Allan Kardec era um homem de *CREDULIDADE EXAGERADA*; em segundo lugar, o mesmo Allan Kardec se apóia *SEMPRE NA EXPERIMENTAÇÃO*. Das duas uma: se era um homem que se apoiava sempre na experimentação, isto é, um homem que fazia questão dos fatos e das provas, não poderia ter uma *credulidade exagerada*... É difícil harmonizar duas características tão díspares dentro da mesma estrutura psicológica. Um homem de credulidade exagerada não tem condições psicológicas para a experimentação e o raciocínio frio. O juizo de Richet apresenta Kardec através de um flagrante contraste, como se fôssem dois tipos irreconciliáveis: um Kardec experimentador rigoroso, sempre voltado para os fatos, e outro Kardec, francamente oposto, porque levado por uma *credulidade exagerada*. Qual dos dois será o verdadeiro Allan Kardec?...

Afirma Richet, no mesmo passo, e sem cortar o fio do pensamento crítico, que a obra de Allan Kardec não é apenas uma teoria *grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos*. Conceito inteiramente justo e consistente. Entretanto o mesmo Richet, na mesma obra, também escreveu isto: *Os espíritas receberam o meu «Tratado de Metapsíquica» com grande frieza. Compreendo o seu estado de espírito. Em vez de aceitar a sua teoria ingênua e frágil, propus aguardar, para se constituir qualquer teoria defensável, que os fatos fôssem classificados, codificados, marcados, acompanhado-os das necessárias exigências do mètodo experimental.* Foi justamente como procedeu Allan Kardec. Está muito certo o pensamento de Richet, no que diz respeito à necessidade do método experimental. Não poderíamos esperar outra atitude intelectual de um homem de sua formação científica, sempre afeito ao trabalho de pesquisa. Nem por isso, infelizmente, se deixa de encontrar um antagonismo, aliás incompreensível ou injustificado, nas opiniões do próprio Richet: chama a «teoria» espírita de *ingênua e frágil*, mas declara, lá adiante, que é uma teoria *grandiosa e hemogênea, um imponente repositório de fatos*. Como se pode conciliar tudo isto no mesmo raciocínio critico? Como é que

uma teoria *grandiosa e homogênea,* e homogeneidade pressupõe unidade e coerência, pode ser também *ingênua e frágil ?...* Se é frágil é porque não tem homogeneidade nem consistência ; se é homogênea, é coerente, tem fundamento lógico, não pode ser *ingênua e frágil.* Afinal, se uma teoria é *INGÊNUA E FRÁGIL* não pode ser, ao mesmo tempo, um imenso *REPOSITÓRIO DE FATOS.* Uma coisa ou outra. Não se pode sair desta dedução. (A idéia de «teoria» e «doutrina» será objeto de futuros comentários). Passemos a outro ponto.

Disse Richet, e com tôda a propriedade, que, pela circunstância de um fenômeno ser raro e inabitual, não se tem de forma alguma, *o direito de concluir que êle não existe.* No mesmo livro («O Sexto Sentido») o grande experimentador acrescenta que «a hipótese espírita é mais cômoda do que qualquer outra e «explica mais facilmente os fatos». Não nega e não afirma. Se assim procede, é natural que o faça por espírito de prudência, bem condizente, aliás, com a mentalidade do autêntico homem de ciência ; e êle o foi dos maiores de seu tempo. E' verdade que, depois, em documento que já foi muito divulgado, isto é, a carta que escreveu a Ernesto Bozzano, Richet como que se rende á própria fôrça da experiência : *E agora, abro-me a você, de um modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e «Sir» Oliver Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção.* Certamente havia algum motivo íntimo, que levou o cientista francês a dar um carater confidencial a essa correspondência, o que, não impediu que a confissão se transformasse em documento histórico. Embora não tenha própriamente o sentido de uma profissão de fé espírita, já significa uma revisão de opiniões, uma sensata mudança de posição.

Deixando de lado a parte doutrinária do Espiritismo, porque o Professor Charles Richet se ateve à observação dos fenômenos, preocupado com o aspecto experimental, tanto quanto o fizeram outros experimentadores do mesmo estalão cultural, como Crookes, Barrett, Gibier, para não ir mais longe, o certo é que o *Tratado de Metapsíquica* ainda hoje é uma obra de citação oportuna. Conquanto não possamos invocá-la em abono da Doutrina, justamente no âmago do problema causal com as suas conseqüências filosóficas, porque já se sabe que Richet não perfilhou a interpretação espírita em todos os seus princípios fundamentais, a sua opinião sôbre a chamada fenomenologia supranormal ou inabitual ainda tem pêso em qualquer discussão séria.

Acho, no entanto, que Richet não situou bem Allan Kardec no quadro da crítica. O retrato psicológico, que êle fêz do Codificador do Espiritismo, não é fácil de se entender, porque não corresponde aos traços marcantes do feitío de Kardec. Há um contraste muito contundente na tessitura da personalidade. Depois de dizer, por exemplo, que «é necessário admirar a energia intelectual de Allan Kardec», aponta-o, como já vimos, com uma *credulidade exagerada,* embora sempre apoiado na experimentação. Depois de classificar a Codificação de Kardec de *grandiosa e homogênea,* dois adjetivos inteiramente apropriados à Doutrina Espírita, Richet desfaz tudo isto, dizendo o seguinte : *Essa teoria tem, entretanto, um lado fraco, dolorosamente fraco. Tôda a construção do sistema filosófico de Allan Kardec (que é aquela mesma do espiritismo) tem por base esta brilhante hipótese de que os médiuns, nos quais diz que os espíritos estão incorporados, não se enganam nunca, e que as escritas automáticas nos revelam verdades que é necessário aceitar, a não ser que se esteja influenciado por maus espíritos.* Diante disto, vai por água abaixo tudo quanto foi dito pelo próprio Richet sôbre a «energia intelectual» de Kardec, a «fé na experimentação» etc. Evidentemente, uma «teoria» que chega a admitir que os médiuns *NÃO SE ENGANAM NUNCA* não pode ser levada a sério, não tem o lastro de uma teoria *grandiosa e homogênea.* Vemos, portanto, dentro desta conceituação, que Richet traçou o perfil de Kardec através de um retrato psicológico muito contraditório.

Quem lê cuidadosamente a Codificação da Doutrina encontra um Kardec muito diferente, em tudo por tudo,

um homem incapaz de se deixar dominar por «idéias preconcebidas». Allan Kardec era justamente o tipo contrário à figura ingênua que Richet nos apresenta. Justamente por não admitir espíritos nem médiuns infalíveis nem onniscientes, a Doutrina Espírita nos recomenda, com os maiores cuidados, que submetamos ao «crivo da razão» tôdas as comunicações recebidas, ainda que tragam nomes de santos ou de celebridades. Allan Kardec trabalhou com mais de dez médiuns, rejeitou muitas comunicações, como êle próprio nos diz, por não estarem de acôrdo com o raciocínio claro: comportou-se, perante os espíritos, com a mesma frieza e o mesmo rigor com que se comportava perante os homens em seus estudos. Jamais a Doutrina Espírita poderia prescrever a crença na infalibilidade dos médiuns. Pois bem, Richet viu a obra e a personalidade de Allan Kardec por um prisma completamente negativo, isto é, o prisma de uma hipótese em que os médinus não se enganam *NUNCA!* Jamais a Doutrina diria ou admitiria tal! Kardec foi o primeiro a reconhecer a necessidade do método experimental no Espiritismo. Veja-se *A Gênese,* cap. I, n.º 14. Kardec declarou textualmente, no *Livro dos Médiuns:* «Enganar-se-iam singularmente acêrca do nosso modo de pensar os que supusessem que aconselhamos a abandonar os fatos; é pelos fatos que chegamos à teoria; é verdade que foi preciso para isso trabalho assíduo de muitos anos e milhares de observações». Que poderíamos querer mais? Um homem que procede assim, com tôda a segurança do verdadeiro espírito científico, um homem que sempre fêz apêlo à razão e à crítica, não poderia enquadrar-se na contextura intelectual de quem se deixasse guiar por uma *credulidade exagerada.* Apesar de alguns elogios, que fêz a Kardec, sem favor, Richet não deu uma idéia real do tipo psicológico do Codificador do Espiritismo. Apesar do mérito de sua obra, apesar de sua grande autoridade científica, Richet não interpretou bem a personalidade de Allan Kardec.

Omissão Deplorável!

TENHO compulsado diversos tratados de Filosofia, recentemente trazidos à publicidade, nêles inexplicavelmente não encontrando referência alguma ao ESPIRITISMO, ao passo que os fenômenos (apenas os fenômenos) de cuja causa eficiente a doutrina sóe ocupar-se, considerados como elementos de análise e de estudo da PARAPSICOLOGIA ou da METAPSÍQUICA, são frequentemente, a êste título, citados e compulsados com rígidas características de uma nova ciência, cujas bases pretende-se nada terem de comum com os princípios religiosos do Evangelho, que constituem os alicerces do CRISTIANISMO.

Sem dificuldade, pode-se ver no fato clamoroso a ação subreptícia de duas correntes de opinião, que se conjugam perfeitamente bem no sentido de dar orientação às normas vigentes na sociedade humana, embora divirjam profundamente no que concerne ao conceito da vida, porquanto uma dessas correntes — a da igreja pseudo cristã — explora a seu favor as delícias de um édem, ao qual podem chegar, **post-mortem,** os que se disponham a comprar, pagando-as règiamente, indulgências e outras fórmulas místicas de fazer com que escapem, aos sorvedouros do inferno, míseros pecadores que jamais quiseram desprender-se dos seus gosos e interêsses terrenos, mesmo conquistados com as lágri-

mas de semelhantes seus, oprimidos pela devassidão dos potentados, e a outra — a da ciência materialista — esmera-se em novidades multiformes, adrede imaginadas para oferecer maiores comodidades aos que se limitam a pensar nas coisas fungíveis da vida contingente, mas que também satisfazem à maravilha a todos os que esperam a eterna delícia do paraíso . . .

E porque o ESPIRITISMO veio para oferecer à ciência uma orientação espiritualista e à igreja, um sério retôrno ao Cristianismo do Cristo, que prescinde de fórmulas sacramentais e considera como de origem satânica o comércio que alí, infelizmente, se faz com as coisas santas, essas duas potências orientadoras da opinião pública, pelos seus corifeus, omitem propositalmente e com acinte de malignidade inaudita, qualquer referência à Doutrina que desfralda o lábaro da Verdade, recomendando aos homens a liberdade de consciência e advertindo-os de que «FÓRA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO».

O que surpreende, contudo, e se torna inexplicável mesmo, é que escritores dispostos a escrever sôbre a «História da Civilização Ocidental», como Edward Mac Nall Burns, no livro que publicou com êsse título e sub títulos «Do Homem das cavernas até à Bomba Atômica» e «Drama da Raça Humana», esqueçam-se de que o fato realmente culminante, sob o ponto de vista histórico, do século XIX, foi o da Codificação Espírita, omitindo-o, para concluir melancolicamente: «Se ainda não pudemos resolver todos os nossos problemas, sabemos pelo menos o que deveríamos fazer para nos vermos livres de um bom número dêles. A expansão do conhecimento e a aplicação da inteligência nos fornecerão os meios de vencer o restante» — quando poderia gloriosamente concluir: «Estão sendo resolvidos todos os nossos problemas, graças à ação do Cristo de Deus, mediante a prática da caridade, fora da qual não há salvação, visto que o alicerce da caridade é o Amor — e sòmente o Amor edifica para a eternidade, pois que, em verdade, DEUS É AMOR.

Mas, para que Burns pudesse concluir com êsse cântico de vitória sôbre a morte no seu livro, necessário seria que em vez de omitir a nossa esclarecedora Doutrina, incluisse nêle o ESPIRITISMO, ilustrando algumas páginas da obra com a exposição dos princípios fundamentais da Nova Revelação e com a citação das inúmeras experiências realizadas por William Crookes, Aksakof, Myers, Charles Richet, e muitos outros sábios, experiências que provam à saciedade o que o Espiritismo afirma, elevando a consciência humana a um estágio superior de discernimento, que é o que importa para o esclarecimento dos espíritos, dando-lhes a convicção na imortalidade da alma e a crença raciocinada e sincera na existência de Deus, sem o que tôda a edificação religiosa é de base falha e vulnerável aos alviões da Ciência.

Arnaldo S. Thiago

Aviso — Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Causas De Ordem Espiritual Responsáveis Por Lesões Orgânicas

V. O. Casella

Nos nossos três trabalhos anteriores, como vimos, depois da primeira parte introdutiva entrámos na segunda, cuidando da terapêutica mediúnica através da prática passista. E vimos que êste processo se revela suscetível de cura apenas nas doenças de origem no espírito, como as de ordem funcional, sendo inócuo nas de causa de lesão orgânica, como seja, portanto, as de natureza estrutural. Daí a razão, antes de se empregar a terapêutica mediúnica, da necessidade de verificar-se qual a natureza originária da patologia do paciente. Assim, com esta precaução, na cura mediúnica, os grupos espíritas que estariam mediando entre o sucesso e insucesso nessa prática, ao se limitarem apenas nos casos de patologias de origem no espírito, a exemplo das doenças do grupo funcional, ficariam livres da lacuna negativa, evitando-se ainda de incidirem nos acidentes das falsas curas. Entretanto, como pudemos ver, não sendo acessível pela simples presença do paciente, em se saber qual a causa do seu mal, se de origem no espírito ou de lesão orgânica, para fazer-se a seleção, entramos ali na terceira parte, expondo a nossa proposta, numa voluntariosa tentativa para solucionar o importante problema. Foi então que no último trabalho pudemos argumentar da necessidade em não prescindirmos do concurso da distinta classe médica, para que os ilustres facultativos colaborem com a nossa terapêutica mediúnica, orientando-nos nobremente na seleção dos pacientes de patologia funcional, cujos sofredores por livre direito de humanidade apelem para o socorro espiritual, após se revelarem inatingíveis pelos recursos de cura da terapêutica oficial.

Se bem que ali nos nossos trabalhos, aqui relembrados nessa breve recapitulação, os interessados mais atingidos já teriam obtido o esclarecimento suficiente, da necessidade de não se poder empregar a terapêutica mediúnica indistintamente aos dois males, funcional e estrutural, vamos agora prosseguir mais além, aproveitando-se ainda sanar possíveis dúvidas, que talvez teriam assaltado alguns adeptos da doutrina. Êstes, quem sabe, estariam julgando-nos em falta, pois já teriam testemunhado doenças de ordem estrutural, com lesões orgânicas visíveis, curadas pela terapêutica mediúnica comum, enquanto que disseramos não ser essa classe de patologia curável pelo processo da mediunidade. Entretanto, agora com os nossos leitores mais a par do fundamento da nossa tese, já sem perigo de confusões, vamos esclarecer essa particularidade, relembrando esta ressalva, ali deixada no nosso tema do mês de janeiro passado, no que talvez nem todos a teriam observado, na importância do seu valor, quando disseramos: «... sendo nula entretanto, a mediunidade curadora, quando aplicada nas doenças de ordem *estrutural,* de lesão orgânica, cuja causa, bem entendido, também seja de natureza somática».

Ora, se dizemos—cuja causa também seja de natureza somática—, logo subentende-se que não seriam apenas as lesões orgânicas a causa de patologias de ordem estrutural, compreendendo-se que a origem, dos males dêste grupo, de lesões estruturais, também poderá ser psíquica, portanto espiritual. E dentre estas roturas orgânicas, de causa nas perturbações do espírito, encontram-se as visíveis, com eclosões na epiderme, das quais se teriam observado sucessos nas curas mediúnicas.

Portanto, agora estamos sabendo que há doenças de natureza estrutural, cuja causa tanto poderá ser de origem orgânica como espiritual. Aquela, da qual cuidamos até há pouco, na série antecedente, é a que dizemos não ser curável pela terapêutica mediúnica passista, tratando-se de patologia apenas acessível aos processos da medicina normal. Quanto a outra, embora também estrutural, mas de origem nas pertur-

bações do espírito, da qual sòmente agora, no presente tema, estamos evocando, é a que se diz suscetível de cura pela prática mediúnica comum. E note-se que nesta classe de patologia, apesar de tratar-se de lesões orgânicas, em contraste, não são curáveis pela terapêutica oficial. E' que num caso a lesão tem função de causa, e no outro ela é efeito.

Daí a razão de certos sucessos, da terapêutica mediunica passista, na debelação de algumas patologias de roturas orgânicas, visívelmente comprovadas, as quais teriam resistido antes o tratamento médico normal. E' de se ver não ser de hoje que se conhece em medicina tais acidentes psíquicos, que seriam ocasionados devido a choques emocionais, produzindo rompimentos orgânicos.

De fato, como bem reconhece a própria ciência médica, se a causa do distúrbio é psíquica, a cura dar-se-á pelo mesmo processo da origem do mal, mas pelo sentido inverso, utilizando-se os próprios recursos do psiquismo, como terapêutica para anular a causa da perturbação. Daí, como já dissemos, a razão de sucessos mediúnicos na cura de certos males comprovadamente estruturais, se bem que ainda haja outros processos psíquicos, como recurso terapêutico, entre os quais se destaca a hipnose. Contudo, o processo mediúnico leva a vantagem sôbre a terapêutica hipnótica, por não ser preciso o paciente entrar em transe, bastando apenas a sua presença, isto sem falarmos em casos que se dariam até pela ausência, para receptar a ação curadora do médium.

Agora, sabendo-se que também as perturbações do espírito, podem ser causa de doenças de ordem estrutural, dizendo-se então das roturas visíveis, na epiderme, a nosso ver acreditamos de que não haveria necessidade, quando tais pacientes recorrerem à terapêutica mediúnica, exigir-se dêstes ficha médica sôbre a natureza da causa do seu mal, conforme propusemos no trabalho anterior, referindo-se aos doentes sem lesões expostas. Esta exceção que estamos propondo agora, justificaria-se pelo motivo de que em se tratando de patologia com roturas exteriorizadas, eczemas, impingens etc., cuja causa, orgânica ou espiritual, sòmente a investigação poderá revelar, mal algum haveria, como sondagem de princìpio, recepcionar-se o paciente, pelo recurso terapêutico passista. Aqui, se a causa da patologia fôr realmente perturbação do espírito, a cura mediúnica, quando não se dá a curto prazo, não deverá exceder-se além do período habitual, dos demais casos anteriores, semelhantes, tratados com sucesso. A demora fora do hábito, já seria uma inferência a favor de que a causa do mal estaria nos desarranjos da própria estrutura orgânica, reclamando portanto o retôrno do paciente no tratamento médico, do qual teria abandonado por desânimo.

Mas, neste caso, mesmo em se tratando de patologia causada por lesão orgânica, a aplicação mediúnica sendo-lhe negativa, mesmo assim não apresentaria perigo, porque se a lesão é visível não haveria o acidente de falsa cura, como nos casos de lesões internas, a exemplo das úlceras gástricas, conforme comentamos no segundo trabalho, da série passada, publicado em janeiro último. Assim, apesar da negatividade mediúnica, a lesão continuaria no seu processo visível, esclarecendo-se então ao paciente, a insistir na terapêutica médica oficial, não devendo o desânimo antecipar a morosidade, as vêzes necessária, do tempo para a cura. Contudo, antes da recepção mediúnica ao doente, evitando-se desapontos nos casos negativos, bem seria precaver-se, esclarecendo os responsáveis mais diretos do paciente, sôbre a possibilidade tanto do sucesso como do insucesso, na aplicação experimental da terapêutica mediúnica, tudo dependendo da causa da patologia, se espiritual ou orgânica.

Como vemos, podendo a causa de uma mesma doença tanto ser orgânica como espiritual, daí se compreende que dois pacientes, com a mesma lesão orgânica (um eczema por exemplo), submetidos à terapêutica mediúnica, poderá se dar o caso de um se restabelecer e outro não, o mesmo podendo dar-se nos consultórios médicos. Não há dúvida, tratando-se de dois pacientes com a mesma rotura estrutural, mas cada um com uma causa diferente, um a espiritual e outro a orgânica, enquanto que aquêle poderá se curar pelo processo mediúnico, o outro não obterá

essa vantagem. E ao inverso, pela terapêutica médica, enquanto o de causa orgânica poderá sanar-se, o outro de causa espiritual a sua patologia resistirá aos recursos da ciência médica oficial. Logo, tem-se que os casos (espirituais) de sucessos mediúnicos seriam insucessos para a terapêutica médica, e os casos (orgânicos) de sucessos pela medicina seriam insucessos para a terapêutica mediúnica. Ainda é de ver-se que há patologias com as duas causas, num mesmo paciente, cuja cura sòmente se completaria com as duas terapêuticas simultâneas, psico-somática, ou seja, pela nossa consideração doutrinária, espiritual e médica.

Por aí, não será difícil compreender-se quantos benefícios trariam a essa classe de indivíduos, sujeitos a perturbações do espírito, se Espiritismo e Medicina se unissem numa colaboração mútua, no combate a êsses males.

Finalmente, se bem que poderíamos prosseguir mais além, para outras amplitudes mediúnicas, em que o médium, através o transe, poderá ser instrumento de entidades espirituais capacitadas para obter curas extraordinárias nas patologias de causa orgânica, cujos fenômenos de extensões até mesmo cirúrgicas são raros, aqui encerramos para não sairmos da tese a que nos propusemos, da terapêutica passista generalizada nas práticas espíritas.

E, como fêcho final, repetimos: se alguém da doutrina discordar ou tiver pontos a reparar na nossa proposta, colabore com a sua parte, apresentando sua objeção que, prevaleça ou não, sempre será aqui bem recebida. A tarefa é de todos que estejam empenhados nos progressos evolutivos da nossa gloriosa causa doutrinária.

Av. Barroso, 378—Araraquara—SP

N. do A. – Na nossa tese ao dizermos dos «médiuns passistas», tal denominação refere-se aos praticantes em geral da terapêutica passista, atuem em transe ou não, cada qual com a sua peculiaridade curadora, de acôrdo com o seu grupo espiritista. Mas a denominação de «médiuns», a rigor seria discutível para a classe dos curadores passistas que laboram no seu estado de consciência. Se o têrmo significa «intermediário», entre os chamados «vivos» e «mortos, os individuos com o dom de curar, sem o transe mediúnico, não se chamariam «médiuns». Entretanto, se consideramos o referido têrmo indistintamente para as duas classes de terapêuticas passistas, assim fazemos atendendo ao hábito geral como são conhecidos uns e outros nos nossos meios doutrinários. Assim, aí fica essa ressalva, abstendo-nos de qualquer discussão sôbre essa particularidade denominativa.

Os Princípios Racionais do Kardecismo

Por ANDRÉ MOREIL

(Tradução de La Revue Spirite 3/4/1961 p. 53 por CÍCERO PIMENTEL)

COMO afirmamos em nossa obra «A vida e a obra de Kardec» Paris, 1.960, o fundador do Espiritismo francês não admitia hipótese ou explicação do fenômeno espírita sem confrontar com a razão. A lógica da teoria como a evidência da experiência deviam mostrar um princípio racional que é a base do fenômeno tanto natural como sobrenatural. Kardec considerava o Espiritismo como uma ciência semelhante às ciências exatas, com a única diferença que aquela ainda constituía uma moral de alto valor social.

Ora, a ciência evolue; e pergunta-se agora: «O que era exato e racional no século 19, o é ainda atualmente? Enquanto a física, a geologia, a psicologia, a parapsicologia e a astronomia fizeram um enorme progresso, a ciência espírita pouco progrediu ou mesmo enfraqueceu? Para responder brevemente esses pontos, seja os seguintes exemplos das ciências exatas relacionados com princípios racionais do Kardecismo:

1) O Psiquismo como Fenômeno Eletromagnético

Com a sua pureza total, o espírito torna-se solidário com a organização da matéria. Uma vez encarnado, é uma alma que anima um corpo, que por sua vez, lhe oferece uma roupagem material necessária à sua manifestação. Ora, o corpo pertence à matéria em geral; quem diz matéria diz energia. De modo que o cérebro, por exemplo, enquanto é a séde da alma pensante, é o lugar dos fenômenos psíquicos que se manifestam como energia.

A ciência biológica e médica é levada assim a encontrar nos fenômenos psíquicos uma atividade eletromagnética facilmente comprovada pelo eletroencefalógrafo. Este aparelho que é um gavalnómetro de alta precisão mede a intensidade de uma corrente elétrica. A célula nervosa transforma o alimento levado pelo sangue e as reações vitais e de combustão são registradas pelo aparelho, sob a forma de energia elétrica. O aparelho registra então a energia libertada pelo cérebro. Após muitas experiências, sabe-se que o cérebro emite um influxo nervoso de carga negativa, enquanto que a sua superfície fica positiva.

Pode-se concluir que o pensamento é uma corrente elétrica; sua velocidade é de 50 (cincoenta) metros por segundo. Neste caso, o Espiritismo que desde Kardec sempre afirmou que as explicações dos fatos espíritas (fatos psíquicos por excelência) pode se achar no estudo da eletricidade e do magnetismo, o que é confirmado pela ciência. Que esta energia seja capaz de uma ação moral e de fundo religioso, vem comprovar a superioridade do Espiritismo, tornando-se além de uma ciência exata, uma ciência humanista.

2) Os Fenômenos Alucinatórios

Durante longo tempo pensou-se que o aparecimento de um fantasma no estado de vigília, que representasse o duplo da pessoa, fôsse devido a uma perturbação patológica dêsse indivíduo. O professor Lhermite porém escreveu: «muitas pessoas sadias acham-se em frente de seu duplo, e ainda a sua consciência parece transportada e incorporada nessa imagem alucinatória». Em psiquiatria tal fato leva o nome de Hoautocóspia. Cuny no livro «Cérebro e Doenças Mentais» (1960), ed. Del Luca, França, se exprime dizendo: «A consciência incorpora-se numa imagem virtual sob a forma de alucinação».

A doutrina espírita que sempre afirmou o estado normal, são, científico do desdobramento, encontra uma justificação de médicos psiquiatras, o que é um fator de seu progresso.

3) O Éter Perispiritual

O problema do éter, de enorme importância nas lições espíritas de Allan Kardec, sofreu muitos ataques por parte dos físicos. No século 19, onde tudo se explicava pelos fluidos, o éter enchia todo o universo porque era o fluido mais rarefeito. Era então normal para uma doutrina que postula a existência dos espíritos no espaço, que o éter fôsse o elemento material, explicando o movimento e a corporeidade que revestia os espíritos. Entretanto, desde o comêço dêste século, o éter dos físicos se mostrou contraditório. Para explicar as vibrações de freqüência muito alta da luz, o éter deveria ter uma densidade de 1 milhão de vêzes à do aço; de outro lado, afim de permitir o movimento dos astros e dos planêtas, sua densidade deveria ser a milionésima parte da do hidrogênio.

No nosso século o éter cede seu lugar à teoria dos corpúsculos; os fluidos de outrora e mesmo o éter seriam formados de corpúsculos. Há assim corpúsculos de luz, de calor, de eletricidade. O éter espacial é também uma partícula, o «espacion» (ver J. Bergior), «As Muralhas Invisíveis», 1.959. Ao mesmo tempo, os físicos verificaram que a experiência não pode situar com precisão a posição de tôdas essas partículas. Se o éter, como fluido que enche o espaço, não é mais admitido, como partícula, êle como todos os outros fluidos, acham-se aqui e acolá; acham-se ao nosso lado e no ponto mais afastado do universo. Aplicada ao homem (reunião de átomos) essa hipótese científica demonstra o fundamento do Espiritismo, ao afirmar a

qualidade de ubiqüidade da alma (ver Livro dos Espíritos). O espaço jamais poderá ser vasio, pois o envoltório perispiritual do Espírito que pode ser definido de acôrdo com a explicação atual do éter (pouco importa o resto), achase sempre em algum ponto do espaço.

De outro lado, se o pensamento, como fluxo elétrico é formado de partículas que pode atingir qualquer lugar do espaço, o inverso, isto é a comunicação entre os Espíritos (pensamento puro) e nós é um fato normal, lógico e experimental. Mais do que nunca, o princípio racional do Kardecismo acaba de ser verificado pela ciência exata.

(Serviço de Difusão do Espiritismo)

ARIGÓ PERANTE A CIÊNCIA

Não Temos Condições Científicas Para Exame de Casos Paranormais

Arigó sèriamente ameaçado — Atraso científico do Brasil no campo paranormal — Balanço dos depoimentos médicos desta série

Prof. J. Herculano Pires

Os depoimentos médicos publicados nesta série comprovaram, de maneira insofismável, a natureza paranormal dos fenômenos de Congonhas do Campo. Os médicos de São Paulo que lá estiveram, e presenciaram os fenômenos, foram unânimes em sustentar essa tese. Opusemos, assim, ao pretenso veredito científico de uma série de artigos publicados na imprensa local, por um médico psiquiatra e um professor de psicologia, o depoimento de tôda uma equipe de médicos, inclusive especialistas nos campos de maior incidência dos fenômenos. Nenhum dêles endossou a tese temerária da fraude, da mistificação, ou da possível paranoia de Arigó.

Acresce notar que os autores da série de artigos contra Arigó, embora unidos na acusação, não o estiveram na verificação dos fenômenos. O médico psiquiatra que assinou os artigos jamais tinha ido a Congonhas e jamais conhecera Arigó, como declarou em programa de televisão do Canal 4, respondendo a uma pergunta do escritor Jorge Rizzini. As observações foram feitas exclusivamente pelo professor de psicologia. Nesta série, partimos das nossas observações pessoais e só publicamos depoimentos de médicos que também as fizeram. Nenhum dos nomes que respondem pelos relatos que divulgamos e pelas opiniões aqui emitidas aparece gratuìtamente. Pelo contrário, respondem todos por aquilo que viram, observaram e avaliaram.

Convém esclarecer, ainda, que os médicos por nós ouvidos não foram a Congonhas ao mesmo tempo, mas em ocasiões diferentes, e alguns dêles várias vêzes. A maioria dêles não eram nossos conhecidos. Esta série nos deu a oportunidade de encontrá-los. O critério de escolha baseou-se ùnicamente no fato de terem ido a Congonhas. Queriamos ouvir, e ouvimos, testemunhas oculares dos fenômenos, cientìficamente capacitados para se pronunciarem a respeito. Os relatos que nos fizeram são de uma clareza e uma coerência absolutas, confirmando as nossas próprias observações. Esta série, confirmada pelas fotografias e pelos filmes sôbre os fenômenos, não deixa margem a dúvidas e sofismas quanto à sua existência e à sua natureza paranormal.

Balanço dos Fenômenos

Fazendo um rápido balanço dos fenômenos relatados pelos médicos que ouvimos, chegámos a estas conclusões:

1) Arigó age em estado de transe, pronunciando frases em alemão e falando português com sotaque alemão. Condição verificada por nós e confirmada por todos os médicos que ouvimos, embora alguns não possam afirmar que as frases estranhas sejam

exatamente de alemão, por não conhecerem suficientemente essa língua.

2) Arigó age de maneira ríspida, não procurando agradar ninguém, nem mesmo os que declinam sua qualidade de médicos. Não procura clientela e nem mostra desejo de conservá-la.

3) As intervenções — tanto as operações quanto os chamados «exames a ponta de faca» — são feitas sem anestesia, sem assepsia, sem qualquer cuidado pré-operatório, sem ação hipnótica, aplicação de técnica letárgica, de acupuntura, de kuatsu, sem instrumentos ou ambiente adequados. Os pacientes não acusam dor e se mostram conscientes durante o ato, respondendo a perguntas.

4) Os diagnósticos são feitos por meio extrasensorial, inclusive à distância. Aos pacientes presentes Arigó geralmente pergunta o que sofrem, mas receita enquanto falam, e muitas vêzes corrige os doentes. De outras vêzes receita para uma moléstia corriqueira, de que o doente se queixa, mas acusa aos familiares e a outras pessoas a presença de cancer, realmente existente.

5) Os diagnósticos, as receitas e as operações são efetuados com extrema rapidez. O médico Ary Lex cronometrou a extração de um quisto sinovial, realizada em trinta segundos. Verificamos pessoalmente, no trabalho de consultas, a média de uma consulta por minuto.

6) Arigó deixa a faca ou o bisturí pendurados nos olhos do paciente, depois de enfiá-los entre o globo ocular e a palpebra, na direção da arcada superciliar. Move a faca ou o bisturí na região ocular, sem o menor cuidado, com violência, voltando o rosto para outro lado, e sem provocar ferimentos. Produz, com a faca, a protrusão do globo ocular. Na presença do médico Elias Boainain, deixou o bisturí e a faca pendurados, ao mesmo tempo, num único olho do paciente.

7) Arigó produz a hemostasia e a coagulação do sangue por meio de ordens verbais ou simples aplicação de pequenas mechas de algodão. Na presença da médica Maria de Lourdes Pedroso, fez o sangue parar na curva do maxilar do paciente, no momento exato em que devia escorrer pelo pescoço.

8) Arigó identifica pessoas entre o povo, inclusive médicos que pretendiam observar anônimamente os fenômenos, como ocorreu com a médica psiquiatra referida no item acima.

9) Arigó limpa a faca ou o bisturí nas mãos dos circunstantes ou em suas roupas, e depõe nas suas mãos as peças anatômicas extraídas. Na presença da psiquiatra acima referida, limpou o bisturí na blusa de uma moça, e a blusa não ficou suja, embora o bisturí ficasse limpo.

10) Arigó produziu, na presença do médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, a cicatrização imediata de uma incisão para extração de quisto sinovial, deixando no lugar «apenas uma leve cicatriz».

Todos esses fenômenos são de natureza evidentemente paranormal, testemunhados pelos médicos e por milhares de pessoas, de todos os graus de cultura, que têm ido à procura do sensitivo. Outros fenômenos, como o aparecimento de líquidos em mechas de algodão, nas mãos de Arigó ou de pessoas que o ajudam, inclusive médicos, e o movimento de instrumentos cirúrgicos sem contacto do médium, são relatados por centenas de pessoas.

Incluimos nesta série um relato de ação do médium à distância, feito pelo médico Osvaldo Lidger Conrado, e outro de operação uterina, em que instrumentos cirúrgicos se moviam sozinhos, constante de livro publicado pelo médico Ladeira Marques, do Rio de Janeiro, e pelo mesmo médico confirmado, em entrevista escrita, concedida ao reporter Moacyr Jorge. São fenômenos de psicocinesia ou telecinesia, comprovados nas experiências científicas da parapsicologia, após as provas das experiências metapsíquicas. Produzidos pela ação da mente sôbre a matéria. O fenômeno de cicatrização imediata, relatado pelo médico José Hortêncio de Medeiros Sobrinho, pertence a essa categoria.

Balanço das Operações

As operações relatadas pelos médicos que depuseram nesta série foram as seguintes :

1) Pterigio, nos depoimentos do oftalmologista e cirurgião ocular Sérgio Valle, que citou como testemunha o seu colega Peri Alves Campos; do especialista em cirurgia geral, Ary Lex; da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso.

2) Catarata, no depoimento do cardiologista José Hortencio de Medeiros Sobrinho, que mencionou uma técnica de raspagem. O médico Ladeira Marques, do Rio, na citação que fizemos, refere-se a extração do cristalino. Essa contradição aparece em numerosos relatos, parecendo que Arigó emprega duas técnicas diferentes, em ocasiões diversas. Ouvimos de uma oculista a acusação de que Arigó usa uma tecnica de raspagem, empurrando o cristalino de maneira perigosa, para dentro da órbita, segundo um velho processo chinês. Êste é um caso curioso, a ser esclarecido.

3) Sinusite, com perfuração do assoalho do seio frontal, no depoimento da psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso, confirmando um dos episódios do relato de nossas observações pessoais.

4) Quisto sinovial, drenagem, sem fechamento do corte, no depoimento do cirurgião Ary Lex; extração com fechamento e cicatrização paranormal imediata, no depoimento do médico Hortêncio de Medeiros Sobrinho.

5) Lipoma, duas extrações, no depoimento do cirurgião Ary Lex, que cronometrou uma delas, verificando que foi realizada em apenas trinta segundos.

6) Fundo de olho, com protrução ocular, restabelecendo a visão de um cego desde a infância, no depoimento do médico Hortencio de Medeiros, que não pode precisar a natureza exata dessa intervenção. Também o médico Ladeira Marques, no Rio, refere-se a uma operação semelhante.

7) Surdez, com introdução de uma pinça envolta em algodão nos ouvidos do paciente, sem extração de cera ou de qualquer outro elemento. O algodão saiu apenas manchado de serosidade amarelada, e o paciente ficou ouvindo. Depoimento do médico Hortencio de Medeiros Sobrinho.

Casos de Cura

Os casos de cura relatados pelos depoimentos médicos desta série são os seguintes:

1) Câncer, cura radical, por receituário, de uma paciente de 28 anos, casada, no depoimento do médico Hortencio Medeiros Sobrinho. Caso comprovado com exames e operações anteriores, exames e operações posteriores. Cura radical, numa paciente de 30 anos, casada, no depoimento do médico Osvaldo Lidger Conrado. Caso comprovado, como o anterior, mas não por operação posterior. Devemos juntar a êste ítem o importante caso de remissão do processo canceroso, num paciente médico, de 72 anos de idade, relatado pelo medico Osvaldo Conrado, e o caso de cura radical de câncer da laringe, que serviu de ilustração a um de nossos artigos, relatado pelo próprio paciente, o cirurgião-dentista Otto Teixeira de Abreu, à rua Riachuelo, nesta capital. Caso comprovado anteriormente, por quinze radiografias, uma laringoscopia e uma biopse.

2) Cura à distância (Arigó em Congonhas e o paciente em Salvador, na Bahia) de um caso de uremia, em estado de coma, no depoimento do médico Osvaldo Conrado. Êsse caso envolve também o fenômeno de precognição ou premonição, tendo o sensitivo anunciado a vinda futura do doente a São Paulo, que se confirmou.

Exame Científico do Caso

Esta série provou a inexistência, no Brasil, de condições para o exame científico de casos paranormais. Os médicos que nos prestaram o seu depoimento foram a Congonhas isoladamente, por motivos diversos, que apenas num caso ou outro eram de ordem científica. Há onze anos Arigó produz os seus estranhos fenômenos, a duas horas de Belo Horizonte, por rodovia asfaltada. Até o momento, apesar de todo alarde produzido no país, através da imprensa, do rádio e da televisão, nenhuma instituição científica, oficial ou particular, designou uma comissão, ou um investigador, para pelo menos informá-la a respeito das ocorrrências.

Essa situação decorre de uma con-

dição de atraso do nosso meio científico, em relação às pesquisas parapsicológicas. Enquanto na Argentina, por exemplo, existem dois Institutos de Parapsicologia, um dirigido pelo prof. Ricardo Musso, autor do livro «En los limites de la Psicologia», em que relata experiências realizadas no país, e outro pelo prof. José S. Fernandez, catedrático das Universidades de Buenos Aires e Mar Del Prata, autor de «Parapsicologia Experimental», no Brasil existe apenas um projeto de lei no Congresso, para a criação de cadeiras da matéria em nossas Universidades.

Êsse atraso científico é tanto mais inexplicável, quanto é intenso o interêsse popular pela fenomenologia paranormal. A omissão dos cientistas implica a entrega do problema às mãos de charlatães ou de pesquisadores ingênuos. Um caso como o de Arigó é logo retirado do seu «ambiente apropriado», segundo a expressão do médico Sergio Valle, e transferido para o plano das disputas religiosas e do cambate ao curandeirismo. O sensitivo é prejudicado, a sua atividade se converte em objeto de controvérsias as mais absurdas. Caimos no terreno da charlatanisse intelectual, acobertada por títulos universitários.

Esta série deve encerrar-se com a advertência feita pelos médicos que nela depuseram, e que subscrevemos desde o princípio: Arigó está em perigo. Não o perigo do absurdo processo-crime que lhe movem na Justiça, pela segunda vez, mas um perigo muito mais grave: o do desvirtuamento das suas faculdades, com graves prejuizos para a sua própria saúde, o seu equilíbrio psíquico e mental, e para a saúde pública. Porque as campanhas de desmoralização do sensitivo, cada vez mais intensas, provocando defesas apaixonadas, e a ameaça de prisão e condenação que pesa sôbre êle, representam uma perigosa pressão para a sua sensibilidade. Há episódios históricos, que deviam servir-nos de advertência, como o das famosas Irmãs Fox, relatados minuciosamente por Conan Doyle.

Tratando Arigó com a leviandade de quem não entende do assunto, escreveu há tempos um cronista que, dentro de alguns anos, êle não produzirá «milagres» nem para o seu círculo familiar. Êsse é o fim normal de tôdas as atividades psíquicas e intelectuais demasiado intensas. Um sensitivo se exgota, como se exgota um pensador. Mas o fato mesmo de exgotar-se prova a existência anterior de suas faculdades. No caso Arigó, a advertência irônica do cronista serve para nos lembrar que o exgotamento poderá vir antes do tempo, através de complicações dolorosas.

De nossa parte, esperamos que Arigó seja salvo, do tremendo perigo que o ameaça, pela intervenção de algumas instituições particulares, capazes de entender o problema e agir em tempo. Mas Arigó não é o único sensitivo em ação no país. Podemos assegurar que o Brasil é um verdadeiro celeiro de sensitivos, produzindo a mais rica fenomenologia paranormal, inteiramente desbaratada ou perdida, sob a ameaça dos veriditos pseudo-científicos e a pressão dos interêsses religiosos e profissionais. Não se pode mais admitir, diante dos progressos atuais da ciência nesse campo, a indiferença por um caso natural, espontâneo, de fenômenologia paranormal como o de Arigó, entregando-se o sensitivo, inteiramente desamparado e desorientado, à voracidade dos interêsses contraditórios. Que esta série possa servir para levar o caso Arigó a sua necessária solução.

Do «Diário de S. Paulo», de 9 de agôsto de 1962.

A mediunidade não é uma arte, nem um privilégio de talento; não pode tornar-se profissão, por depender do concurso dos Espíritos; se êstes faltarem, deixará de haver mediunidade; a aptidão poderá subsistir, mas o seu exercício ficará nulificado. Assim, não há no mundo um só médium que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita em determinado momento.

ALLAN KARDEC

Serões Bíblicos - X

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo X)

— Todavia, acrescentou Lumbaio, essa luz que o Gênese diz ter sido criada no princípio, já existia desde a eternidade, porque de acôrdo com a Bíblia, Deus habita em uma luz inacessível. Êle é a própria luz (I João 1,5).

— Luz é o nome genérico, retrucou Chilon, com entonação de enfado, que significa muita coisa. Se o que você afirma fôsse exato, sendo Deus a mesma luz, ao criá-la, criava-se a si mesmo. Se êle habita na luz, então não é a luz, porque o habitante não é a mesma habitação. Além disso você declarou ser inacessível aquela luz na qual Deus habita, por conseguinte não se trata desta luz acessível que nos penetra os olhos, que nos envolve, na qual habitamos e da qual nos nutrimos, visto que somos sêres lucifugos além de lucigênitos. Qualquer individuação é resultante do elemento do seu meio; a matéria é individuação do meio energético que a cerca, do mesmo modo que os anjos são concentrações daquela luz inacessível de Deus na qual habitam. A luz-energética, ao tornar-se em matéria, parodia a luz-divina-essencial que se tornou nos anjos. Por consequência, a luz referida por João é Jesus Cristo, dada como sendo a luz-dos-homens. Jesus é parte daquela luz-divina-essencial-nacessível que circunda o Universo físico, a qual se concentrou naqueles focos crísticos que são os anjos; trata-se, portanto, de luz moral, que não desta outra que se concentrou em matéria nos primórdios de nosso Universo. Deus está para além do espaço (matéria) e do tempo (energia) no reino do puro pensamento (espírito), sendo, logo, de natureza moral. Deus é da natureza de Lei de Princípio que a Ciência não inventa, mas, descobre.

Lumbaio, meio enleado pelo discurso acrológico de Chilon, saiu-se com mais esta sem-razão do seu mestre Shalders:

— Dizer então que Deus criou a luz, independente de haver primeiro criado sua fonte, o Sol, equivale a afirmar que êle deu ao éter a propriedade de vibrar com certa frequência, aquela que nossos olhos vêem como luz; mas para isto levaria Deus um dia inteiro que representa uma época de milhões de anos? Não bastaria só o exercício da sua vontade para efetivar êsse acontecimento?

Com ar chistoso, respondeu, Chilon, sem se perturbar:

— Você mesmo, Lumbaio, foi o que disse, não eu, que «Deus deu ao éter a propriedade de vibrar»; ora, para que o éter pudesse vibrar, preciso era criar o éter, ou seja, o espaço, para que, depois, a luz fôsse apenas vibração do éter, ou perturbação do espaço. Vê? como a coisa se complica, pelo que foi preciso nisto gastar um dia? Se nem a ciência apreende, ao certo, o conceito de espaço, como julga você fácil o ato criador de Deus?

—Está bem... está bem... redarguiu Lumbaio; dou que o seja assim. Todavia, por que acrescenta o texto que viu Deus que a luz era boa; Acaso faria Deus uma coisa que não fôsse boa?

— O conceito de bem e de mal, retorquiu Chilon, ainda não se tinha formado. E como as Escrituras se escreveram para uso dos homens, e não para o de Deus, precisava ficar explícito que o que Deus faz é bom, pois os primitivos não sabiam disto, como nós, hoje.

Lumbaio dava mostras de impaciência; mas não querendo dar-se por vencido, saía-se com qualquer coisa do seu Shalders, ùnicamente para não ficar quieto. É assim que vozeou irritado:

—Onde há luz pode haver trevas? Não são as trevas ausência da luz? Por que foi preciso a intervenção do Criador para separar a luz das trevas?

— Hoje, prezado Lumbaio, sabemos disso. Mas o primitivo dá realidade à sombra e às trevas. E Moisés falava a primitivos que não a nós. Contudo, agora, se você mo permitir, quero interrogá-lo um pouco!

— Seja como quiser, anuiu, Lumbaio, contrafeito.

— Você não me disse que a treva é ausência da luz ?

—Fêz sim, com a cabeça, Lumbaio.

— E atrás você não afirmou que Deus é a luz ?

— É o que se acha escrito em João, disse êle.

— Por conseguinte, as trevas são ausência de Deus ?

— Concordo que o seja.

— Então, onde houver trevas, aí não há Deus ?

— Isso é evidente ; de acôrdo com a premissa aceita, a conseqüência, agora, me força a dizer que não há.

— Portanto, como a maior porção do Universo é treva, segue-se que nessa Deus não está, não é assim ?

— É... com relutância o digo.

— Logo, essa parte está fora de Deus ; e se Deus pode ter foras, tem limites ; e se tem limites é finito ; e se é finito não é Deus ! Todavia Deus é infinito, você não acha ?

— Acho ; pelo menos para efeito desta nossa discussão, aceito que Deus existe pelo que lhe não posso negar o atributo de infinito.

— Conseguintemente Deus está em tôda a parte por onipresença ? achando-se também nas zonas trevosas do Universo ; está certo isto ?

— Está.

— E se Deus disse que a luz é boa, então, o oposto, as trevas, é o mal ; e como êle tanto está na luz como nas trevas, então tanto está no bem como no mal ?...

— Perdi, agora, o pé, disse Lumbaio. Já não entendo mais nada...

Ante êste embaraço de Lumbaio, prosseguiu, Chilon, com gôsto, a sorrir :

— Pode continuar com o seu Shalders. Eu só estava dando um fio na espada da dialética, que o mestre Árago me está ensinando a usar !...

— No Gênese 1, de 6 a 8, está assim : «Disse também Deus. Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas. Etc.» A linguagem aqui é meio obscura, não acha ?

— Para nós, com nossa forma mental, sim ; mas se-lo-ia para os primitivos ? A linguagem duma criança é ininteligível para quem não conviva com ela ; todavia sua mãe, quando lhe fala naquela mesma linguagem, faz-se entendida. Ora, Moisés (ou Deus por êle) não nos tinha a nós em conta ao escrever do Pentatêuco o Gênese. Separar umas águas doutras águas, significa formar os mares da grossa capa de vapores que obscureciam, por inteiro, a face do Sol. Imagine que chuvas torrenciais cairam, como que na chapa quente dum fogão, evaporando-se em seguida, e assim, por centenas de milhões de anos. Até que a Terra se resfriou mais, e as águas líquidas puderam ficar embaixo, formando os mares ferventes. Separar umas de outras águas significa isto : separar as águas gasosas das líquidas.

— Aqui, em Gên. 1, de 9 a 13, prosseguiu Lumbaio, «disse Deus : As águas que estão debaixo do céu ajuntem-se em um mesmo lugar, e o elemento árido apareça. E assim se fêz. E chamou Deus ao elemento árido Terra, e ao agregado de águas Mares». Além do descrito nesta parte, Deus criou, nêste dia terceiro, os vegetais. Conclui-se do texto, portanto, que o trabalho de Deus durante o terceiro dia da Criação consistiu em separar os continentes dos mares e criar o reino vegetal. Quanto à primeira parte, não obedeciam as águas à lei da gravidade desde o princípio ? Necessitaria para ajuntamento das águas alguma determinação especial ?

Para que as águas pudessem escoar para as depressões, replicou Chilon, preciso era que estas se formassem. E não há enrugamento nenhum que só forme reentrâncias e não também saliências. Por isso, falar em separação de águas e terras é referir-se ao que os geólogos classificam de era do levantamento dos continentes.

— Então até o terceiro dia, redarguiu Lumbaio, a superfície da Terra era destituída de rugosidade, completamente coberta de águas. Durante o terceiro dia, então, Deus fêz surgir as elevações, as depressões, as montanhas, os planaltos e os vales, obrigando-se as águas a correrem para as partes baixas, formando os mares ; não é assim ?

— Em tôdas as eras geológicas houve perturbações orogênicas que transformaram o relêvo, modificando o aspecto físico do globo ; porém estas perturbações, a que os especialistas dão o nome de *cataclismos geológicos,* marcaram certas eras indelevelmente. A ele-

vação do grande monobloco continente, que, posteriormente, se fragmentou nos continentes atuais, ocasionando a separação dos mares, deu-se na era Arqueana, depois do que, a vida vegetal, surgida nos mares, ganhou a terra enxuta. Quer dizer que a era Arqueana geológica corresponde ao terceiro dia da Criação; logo a Primária corresponde ao quarto dia; a Secundária, ao quinto; a Terciária, ao sexto; e a Quaternária, ao sétimo.

A estas observações de Chilon, Lumbaio depôs a Bíblia sôbre o peitoril da janela, a fim de acender um cigarro. E enquanto meditava sôbre o que dizer, puxou umas fumaçadas, falando, a seguir:

— Ainda tornaremos a êste ponto, porque o texto diz que Deus descansou ao dia sétimo, e não que executou as obras correspondentes à era Quaternária. Porém, para não nos perdermos em pormenores, toquemos por diante. No capítulo 1, versículos de 14 a 19 do Gênese, diz assim: «Disse também Deus: Façamos uns luzeiros no firmamento do céu, que dividam o dia da noite, etc.» Se o Sol foi criado aqui no dia quarto, em tôrno de que centro girava o nosso sistema planetário até então?

Ao tempo em que Chilon se dispunha a deslindar mais esta questão, Lumbaio fêz-lhe sinal, com a mão, para que esperasse. É que êle estava atento a observar os movimentos de Tonhão Porcelo que atravessava a rua vindo no rumo da pensão a procura de Lumbaio, pelo que disse êste:

—Encerremos, aqui, nossa disputa, por hoje; aí vem Tonhão, o ricaço e tolo, solicitar os meus serviços mediúnicos. Preciso ir preparar-me a fim de recebê-lo. Para êle eu sou um grande médium, um missionário vindo de alta esfera espiritual, com autoridade sôbre os espíritos que me obedecem sejam quais forem minhas ordens. Eu sou profeta ou mago da estatura e fôrça de um Balaão, no conceito dêle, e por isso êle me tem fé... e preciso aproveitá-la bem...

Ao proferir, sorrindo, estas últimas palavras, Lumbaio sublinhou-as, como se fôra com um traço, ao tempo em que esfregava o polegar no indicador, para dizer que era de dinheiro que se tratava. A discussão de ambos ficou parada nisto, por culpa de Tonhão Porcelo que viera, espontâneamente, trazer a própria pele a seu escorchador.

Êste foi o assunto da discussão entre Lumbaio e Chilon nos três dias da ausência dêste na casa de Árago. Depois dêste relato de Chilon, disse-lhe o mestre que esteve o tempo todo a ouví-lo:

— Muito bem, Chilon! Gostei de ouvir sua dissertação. Houve momentos em que me senti falando por sua bôca, como se você me fôra porta-voz, dado que suas palavras eram como se foram minhas. Agora, se lhe apraz, vamos dar um passeio de canoa aí pelo Mar-de Dentro, visto que preciso chegar até meu telheiro, a fim de buscar o rifle que esqueci fora da capa, exposto, portanto, à umidade e à ferrugem.

Estudando Kardec

Kardec, há mais de cem anos, desempenhou uma árdua missão, codificando o Espiritismo e enfeixando seus ensinamentos numa série de livros.

Tais livros, tratando de todos os aspectos da religião espírita, constituem o que se chama codificação kardeciana. O codificador, ao coordenar as questões, evidencía ter agido com cuidado extremo. Como educador emérito que era, procurou executar a obra de maneira a possibilitar o seu estudo do modo mais simples possível.

Na atualidade, os oradores espíritas pregam incessantemente a necessidade do estudo das obras básicas do Espiritismo, como auxílio à evolução espiritual do homem. Isso, no entanto, vem sendo feito há mais de meio século. A coletividade espírita, porém, sendo constituida na sua maioria por pessoas desprovidas de grandes recursos financeiros, encontra dificuldades enormes para alcançar tais ensinamentos, dado não só o alto custo do livro como, também, a falta de uma orientação melhor de co-

mo aprofundar-se no estudo do Espiritismo.

Kardec não pode ser estudado à maneira como se lê um romance. As questões abordadas completam-se de maneira ordenada, pelas diversas partes dos livros da codificação.

Se há dez ou vinte anos atrás era profícuo o simples chamamento ao estudo por parte dos oradores espíritas, tal não acontece em nossos dias. Depois de uma exortação ao estudo, querem os espíritas saber como proceder para haurirem todos os ensinamentos contidos em Kardec, querem saber quais as relações entre os diversos livros. Querem, enfim, saber como estudar Kardec.

Com essas conclusões, tiradas do estudo profundo da situação do movimento espírita e da sua natureza, alguns confrades lançaram, em São Paulo, um movimento para formação de Grupos de Estudos. Sua finalidade é, primordialmente, a promoção do estudo metódico da doutrina, baseado na codificação kardeciana.

As principais funções do Grupo Promotor, que coordena tal movimento, são duas: primeiro, conclamar os espíritas ao estudo e após isso, dar-lhes os elementos para tanto.

Assim é que o Grupo Promotor, baseado na sua experiência e na de outros grupos já formados, fornece a quem solicitar, um plano de estudos da doutrina espírita, bem como o respectivo temário, com tôdas as indicações necessárias ao seu bom entendimento. Com isso, os confrades componentes de um grupo de estudos podem chegar ao conhecimento das questões científicas, filosóficas e religiosas abordadas pelos espíritos encarregados de auxiliarem a codificação, da maneira mais completa e metódica possível. Com isso, poderão chegar ao final do temário com a certeza de terem aproveitado satisfatòriamente seu tempo.

Nota-se, ainda mais, que os que se dispuserem ao estudo, empregarão seus esforços próprios, de maneira total, eis que, no temário fornecido só encontrarão as indicações bibliográficas dos temas, sendo o estudo feito no texto de Kardec, exclusivamente. Dessa forma o estudioso chegará à conclusão necessária sem que lhe tenham oferecido quaisquer sugestões alheias ao Espiritismo.

Duplo objetivo será atingido: estudo metódico, completo e profundo e a extirpação das confusões doutrinárias que óra proliferam.

Os Grupos de Estudos poderão se formar em qualquer lugar, com o número máximo de dez a quinze pessoas. Suas normas de funcionamento, bem como o plano de estudos e o temário são fornecidos pelo Grupo Promotor de Estudos Espíritas, gratuìtamente, mediante solicitação à Avenida Lins de Vasconcelos, 2752, Cambucí, Zona Postal 12, São Paulo.

Eis aí completado o chamamento dos espíritas: confrades, estudem Kardec, facilitando sua caminhada evolutiva. Façam-no com método e atenção. O Grupo Promotor de Estudos Espíritas fornece os meios necessários.

Paulo Jacinto

Crônica Estrangeira

UM CASO DE PREMONIÇÃO

BOGOTÁ, 26 (AFP) — Um dos passageiros colombianos do «Boeing» que caiu em Guadalupe, em rota entre Paris e América Latina, sabia que ia morrer antes de voltar a pisar terra colombiana e, segundo se revelou, havia comunicado seu pressentimento a alguns de seus familiares.

Êste foi o caso do jovem e já famoso poeta e ensaista Jorge Gaitan Duran, que pouco tempo antes de fazer a viagem para a Europa, em abril passado, expressara sua convicção, a qual não se baseava em nenhum fato fora de uma premonição, de que não regressaria vivo. No dia de sua saída de Bogotá, Gaitan havia chamado sua primeira espôsa, de quem vivia separado, pedindo-lhe que viesse despedir-se dele no aeroporto, com um filho que tive-

ram dêste matrimônio, «a que disse, queria ver mais uma vez».

Igualmente Gaitan deixou em dia todos seus negócios e, em seu apartamento, foram encontrados numerosos objetos pessoais enpacotados em malas providas de etiquetas com a indicação dos nomes dos amigos, aos quais as levava caso lhe acontecesse algo.

O último livro publicado há poucos mêses por Jorge Gaitan se intitulava: «Si Un Dia Despierto», e nele se expressa o mesmo pressentimento de uma morte próxima. Mas, neste livro de versos, o poeta, ao qual a vida sorria: havia acrescentado: «Yo no mer indo: quiero vivir cada dia en guera, como si fuera el ultimo».

De «Mundo Espírita»

Como se vê, trata-se de um telegrama expedido por uma agência da capital da Colômbia e publicado nos jornais profanos de diversos países.

O acúmulo formidável de tais notícias formam o acêrvo dos fatos que foram ou têm sido até hoje considerados como oriundos da superstição.

A CRIANÇA VOLTA

De «Two Worlds»

Existe na ilha de Zeeland, Dinamarca, uma estalagem à margem de uma estrada larga que corre através de uma região de densas florestas. A estalagem é visitada por «touristes» e veranistas atraídos pelas belas paisagens, sossego e clima agradável.

Os poucos e pequenos quartos estavam sempre ocupados nos mêses de estio, de modo que o proprietário muitas vêzes se via obrigado a alojar hóspedes num pequeno quarto das águas-furtadas. Sempre acontecia os hospedados dêsse quarto se queixarem de perturbações causada pelo aparecimento de um fantasma de criança, que ajoelhada no soalho arranhava, arranhava uma certa tábua, com as unhas. Êstes fatos sempre agitavam os hóspedes durante o resto da noite.

O estalajadeiro, homem por demais ocupado, no princípio não dava atenção às reclamações. Porém, como o soalho estava necessitando de reforma, veio o carpinteiro e retirava o soalho, quando debaixo de certa tábua solta, achou uma grande moeda de cobre, que êle mostrou ao proprietário e êste ficou perplexo. Porém logo a coisa ficou esclarecida e é esta história por êle contada: «Um dia chegou um músico ambulante e tocou em frente da casa. O estalajadeiro entregou uma grande moeda de cobre à sua filhinha para passá-la as mãos do músico. Pouco depois a menina morreu e o pai descobriu ter ela ficado com a moeda e tê-la escondido debaixo da tábua solta, pois era o quarto em que dormia. Depois de sua «passagem» (morte), ela aparecia com o fim de chamar atenção para a moeda. Descoberta a moeda e tudo esclarecido, o fantasma nunca mais voltou».

ESPÍRITOS MATERIALIZADOS DANÇAM COM OS ASSISTENTES

De «Estudos Psíquicos»

Frank Decker é um famoso médium norte-americano de voz direta e efeitos físicos que tem dado origem aos mais estranhos fenômenos. O *New York Spiritualist Leader* conta coisas extraordinárias, entre elas a de formas materializadas dançarem com assistentes a duas sessões de efeitos físicos, em que o médium citado exerceu as suas faculdades. Êste fato verificou-se uma vez, apesar de certas condições impostas antecipadamente. Doutra vez, os fenômenos foram variadíssimos: «apports, voz direta», etc., enquanto tapavam a bôca ao médium.

Alguns assistentes declaram que, ao mesmo tempo que tapavam a bôca e seguravam as mãos e as pernas de Frank Deck, sentiam as mãos do Espírito-guia *Patsy* e ouviam claramente uma voz cochichada.

Quanto ao episódio da dança, diz o mesmo jornal que, no momento em que um assistente segurava o joelho do médium, o espírito materializado cingiu um amigo em atitude de quem dança e deu alguns passos no aposento.

Ouviu-se também por várias vêzes o espírito de Bert Wells a conversar

com *Patsy* e as vozes pareciam vir de lados opostos.

Outro fenômeno interessante foi o de duas trombetas de alumínio atravessarem a sala com rapidez atômica e movimentarem-se rìtimicamente do soalho para o teto.

Um médico presente disse que o pulso de Frank Deck ora parava, ora latejava, fenômeno êste que atribui à ação do Espírito-guia *Patsy*.

Nesta sessão manifestou-se o Espírito de Conan Doyle, além de pais, mães, tios e outras pessoas de família dos assistentes.

Um componente do grupo lembrou-se de dizer a *Patsy :*

— Traga-me uma cereja da cozinha.

— Traga-me um pouco de açucar — disse outro.

Patsy saiu e pouco depois voltava com os dois objetos pedidos. Seguidamente, tocou uma gaita de beiços que se encontrava no bolso de um assistente.

Noutra sessão o espírito de um pai, inteiramente materializado, dançou com sua filha, enquanto o médium estava manietado. Durante êste tempo, *Patsy* e o outro espírito falaram simultâneamente com a filha dêste último.

Coisas espantosas são estas, que muitos incrédulos renitentes são incapazes de analisar com lealdade, preferindo a comodidade de um «não acredito» ao trabalho de investigação que aproximaria os homens de verdades importantíssimas. Felizes dos que assistiram às sessões de Frank Deck e puderam verificar por si próprios a realidade de um mundo que se teima ou finge desconhecer !

Espiritismo no Brasil

CONCENTRAÇÕES DE MOCIDADES ESPÍRITAS

Está programada de 11 a 14 de abril próximo, a XVI Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, a realizar-se na cidade de Uberlândia.

O Conselho Diretor agradece às Mocidades que vêm respondendo com assiduidade às suas circulares, bem como aquelas que compareceram à Primeira Prévia e enviaram sugestões para os Concursos e para o bom desenrolar da XVI Concentração.

Concentração em Taubaté

Está marcada a realização êste mês, em Taubaté, a título precário aprovado pelos Conselhos Regionais da 4.ª e 17.ª Regiões, a Concentração das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba.

DA ORGANIZAÇÃO

As Concentrações das Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba serão promovidas pelos CRE das 4.ª e 17.ª Regiões da USE, semestralmente, de preferência na 1.ª quinzena de março e 2.ª quinzena de setembro

DAS FINALIDADES

Constituem as principais finalidades das Concentrações a CONFRATERNIZAÇÃO das Mocidades e o estímulo ao ESTUDO da Doutrina Espírita.

DISPOSIÇÕES GERAIS

— As Concentrações serão realizadas, alternadamente, em uma cidade da 4.ª e 17.ª Regiões, prèviamente escolhida no dia da Concentração anterior.

— Tomarão parte nas Concentrações tôdas as cidades do Vale do Paraíba em que existam UMES e que estejam compreendidas no âmbito das 4.ª e 17.ª Regiões da USE.

— Cada cidade participante organizará uma Caravana que será integrada por elementos das Mocidades existentes e outros confrades. Cada Caravana deverá ser credenciada pela UME da cidade a que pertencer.

— As UMES e, especialmente, as Mocidades só enviarão às Concentrações pessoas integradas na Doutrina, através do trabalho nas sociedades espíritas locais.

—

Concentração em Maringá (PR)

Recebemos os Boletins n.os 1, 2 e 3, com o noticiário referente à Concentração de Mocidades Espíritas do Paraná, a realizar-se entre os dias 11 a 13 de abril próximo na cidade de Maringá.

Êste é o primeiro contacto da Mocidade Espírita de Maringá, responsável pela V I Concentração de Mocidades Espíritas do Paraná, com as demais Mocidades Espíritas do Estado.

Esperando repetir o êxito das Concentrações anteriores, os moços espíritas de Maringá, desde algum tempo, vêm trabalhando ativamente, esperando que o mesmo esteja ocorrendo com as demais Mocidades.

Ficou estabelecido, por ocasião da última Concentração, que os Trabalhos Doutrinários para a V I Concentração serão os seguintes:

— A Vida Social dos Espíritas em seus vários aspectos;

— O Jovem e a Unificação.

TELEGRAMA DE FELICITAÇÕES

Por motivo da passagem de mais um aniversário da «Revista Internacional do Espiritismo», transcorrido no dia 15 de fevereiro último, recebemos do Senador Dr. Lino de Mattos o seguinte telegrama:

«Apresento cumprimentos pela passagem aniversário brilhante revista dia 15 corrente.

SENADOR LINO DE MATTOS».

—

Agradecemos reconhecidamente, ao distinto Senador, a recepção de referido telegrama, o que muito nos encoraja para prosseguirmos na continuidade da publicação desta obra, bastante querida que foi, do nosso sempre lembrado companheiro Cairbar Schutel.

INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

Tendo-se encerrado o período de férias, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil vai recomeçar as suas atividades hoje, com uma solenidade, às 20 horas, no *auditório* do Ministério da Educação e Cultura. A aula inaugural será proferida pelo nosso confrade Dr. Jorge Andréa, major médico da Aeronautica, e que atualmente está servindo na Bahia. O programa aprovado para êste ano prevê as seguintes matérias: *Características da Doutrina Espírita* (Continuação); *O fenômeno mediúnico nas Religiões; Teoria Geral do Animismo; História Geral; História da Educação;* (Continuação); *Metodologia; Elementos Fundamentais de Psicoterápia.* Os responsáveis pelas aulas serão os seguintes confrades: Cel. Delfino Ferreira, Dr. Túllio Chaves, Prof. Newton de Barros, Prof. José Jorge, Dr. Lauro São Tiago, Cel. Euclides Fleury e Deolindo Amorim.

Depois da solenidade da reabertura, no *auditório* do Ministério da Educação, as aulas normais serão reiniciadas no dia seguinte, sábado, 16 de março, na sede provisória do Instituto, rua dos Andradas 96 — 12.º andar, Rio de Janeiro, no horário de costume, isto é, das 16 às 18 horas, com entrada franca.

NOSSO VIAJANTE-REPRESENTANTE EM VIAGEM

A serviço da «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», o nosso Viajante-Representante Sr. Dante Ferioli, percorrerá, êste mês, a zona Norte do Paraná, visitando os nossos prezados assinantes residentes nas seguintes localidades:

Jacarézinho, Cambará, Andirá, Bandeirantes, Cornélio Procópio, Jataizinho, Sertanópolis, Londrina, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Rolândia, Jaguapitã, São Martinho, Arapongas, Pitangueiras, Floraí, Apucarana, Jandaia do Sul, Mandaguarí, Itambé, Marialva, Maringá, Mandaguaçú, Nova Esperança, Paraíso do Norte, Atalaia, Porecatu e Ibaiti.

Esperando que o nosso representante-viajante seja bem recebido pelos nossos prezados assinantes residentes nas localidades acima citadas, o que muito contribuirá para o engrandecimento do ideal que nos irmana fraternalmente, a todos, externamos os nossos mais sinceros agradecimentos, com votos de um feliz transcorrer do ano de 1963, juntamente com suas exmas. famílias.

A Redação

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 150,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.ª edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr $ 40,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 40,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 120,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 120,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$600,00

Semestre — „ „ 350,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : **Rio de Janeiro**

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37